

# economia

## Crescem demissões no RS a pedido do trabalhador

Dados do Caged mostram que, em janeiro, 46,3% das solicitações de desligamento partiram do colaborador

/ TRABALHO

Amanda Flora  
amandaf@jcrs.com.br

Os dados de janeiro do Caged Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostraram que 46,3% dos desligamentos ocorridos no Rio Grande do Sul foram a pedido do trabalhador. O resultado do primeiro mês do ano contrasta com o acumulado do ano anterior, que foi de 40,9% em pedidos de demissão, representando um aumento de 5,4% no primeiro mês do ano.

O segundo motivo mais comum observado nos desligamentos no Estado foi a demissão sem justa causa, com 36,2%. Os dados foram fornecidos pelo Caged e compilados pela Fundação do Trabalho e Ação Social (FGTAS), através da Seção de Informação e Pesquisa.

Segundo a FGTAS, esses dados parciais do ano mostram que o mercado está aquecido e que o trabalhador está com maior po-

der de barganha. “Como existem mais admissões em relação às demissões, o trabalhador acaba optando por vagas que oferecem uma melhor remuneração ou melhores condições de trabalho. O desemprego estar em baixa também acaba gerando uma maior demanda por mão de obra”, afirma o economista e assessor da FGTAS, Christian Kuhn.

“Eu me senti muito bem depois que pedi demissão. No início foi um misto, porque, ao mesmo tempo que dá uma sensação de estar deixando uma carreira para trás, vem um alívio, porque eu também tinha a noção que ia parar de ser explorada”, afirma uma estudante de Relações Públicas, que preferiu não se identificar, e que faz parte do grupo de trabalhadores gaúchos que deixaram os empregos por vontade própria em janeiro.

Ela optou pelo desligamento da empresa calçadista onde trabalhava por três motivos: ter mais tempo para se dedicar à faculdade, o salário baixo, junto à falta de benefícios, e a cul-

tura organizacional da empresa, que, segundo a universitária, “era muito fabril” e sem perspectiva de instaurar modelo híbrido de trabalho.

A psicóloga e pesquisadora do tema na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (Ufcsa), Caroline Tomazi, diz que essas são causas comuns para pedidos de demissão vindo dos empregados. “Vivemos um contexto econômico de bastante pressão financeira. As pessoas estão acumulando jornadas. Hoje tem a pessoa em trabalho formal, que faz um fri-la para complementar renda, por exemplo. Isso gera uma sobrecarga grande de horas de trabalho”, afirma ela.

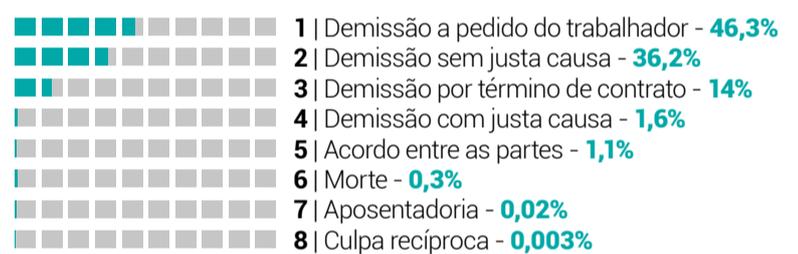
Segundo Kuhn, da FGTAS, a entidade não tem um dado preciso sobre as causas da insatisfação do trabalhador com a atividade laboral. Mas ele não descarta que isso colabore com os resultados de janeiro, principalmente diante da oferta de mais vagas e a possibilidade de optar pela melhor opção.



No primeiro mês do ano, desligamentos registraram alta de 5,4%

### Causa de desligamentos Janeiro/2025

O total de 130.340 desligamentos ocorridos em janeiro deste ano foram divididos em oito causas:



### Empresas que prezam a saúde mental atraem jovens

Jovens entre 19 e 29 anos lideraram o perfil dos pedidos de demissão ocorridos em 2024, chegando a 45%. Para a pesquisadora Caroline Tomazi, essa é uma característica da geração em priorizar ambientes de trabalho mais saudáveis. “O jovem sabe que trocar de empresa não manchará seu currículo. Ele entende que a saúde mental é importante, e hoje o trabalho é muito mais do que sim-

plesmente trabalhar”, afirma.

Esse dado demonstra um desafio para as empresas em reter jovens talentos. A estudante de Relações Públicas que pediu demissão da fábrica calçadista, por exemplo, afirma que sentiu um desgaste emocional muito grande após três anos. “Eu priorizo pela qualidade de vida, então, um modelo híbrido, que não necessite estar na empresa todos os dias para mim

é essencial”, afirma ela, que não quis se identificar. Segundo Caroline, é possível as empresas diminuírem as taxas de demissão a pedido, mediante a instituição de políticas de segurança trabalhista, como planos de carreira, políticas de saúde mental e adoção de flexibilidade. “Hoje o trabalhador não vive mais para trabalhar, ele trabalha para poder viver e ter outras esferas da vida funcionando”.

### Causa de desligamentos em 2024 no RS por faixa etária:

Total de desligamentos: 1.475.850

Homens: 51% | Mulheres: 49%



### Mercado de trabalho gaúcho mantém expansão no quarto trimestre de 2024

No quarto trimestre de 2024, o nível de ocupação - ou seja, o percentual de pessoas ocupadas no período de referência em relação às pessoas em idade de trabalhar - no Rio Grande do Sul, passou de 62,6% para 63,5%, em comparação ao trimestre anterior, atingindo o maior patamar da série histórica. As informações são do governo do Estado.

A Taxa de Desocupação no RS, por sua vez, passou de 5,1% para 4,5%. Na mesma referência comparativa, o indicador também registrou queda no Paraná, de 4% para 3,3%, enquanto ficou estável em Santa Catarina (2,7%), em São

Paulo (5,9%) e no Brasil (6,2%).

Considerando-se o intervalo de janeiro de 2024 a janeiro de 2025, foram gerados 70 mil novos vínculos formais de trabalho no Estado, equivalente ao crescimento de 2,5%. O percentual registrado no Brasil foi de 3,6%.

Os dados estão no Boletim de Trabalho, divulgado nesta quinta-feira. A publicação trimestral do Departamento de Economia e Estatística (DEE), vinculado à Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG), contempla os desempenhos do mercado de trabalho e do emprego formal no Estado.

A autoria é dos pesquisadores

Raul Bastos e Guilherme Xavier Sobrinho, a partir de informações da PNAD Continua e do Caged Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) - base estatística produzida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Apesar do saldo positivo na geração de empregos, o Rio Grande do Sul é o penúltimo colocado dentre as unidades federativas em termos de crescimento, ficando na frente apenas do Mato Grosso do Sul. Os vínculos adicionais gerados no RS durante o período de 12 meses analisado concentraram-se no setor de serviços (53%), com taxa de crescimento de 3,1%. Pela va-

riação percentual, o maior destaque foi o setor de construção, com 4,8%, enquanto a indústria apresentou variação tímida de 1,1%.

Seguindo o padrão dos últimos anos, o perfil dos trabalhadores adicionais incorporados ao mercado formal do Estado concentrou-se em jovens de até 24 anos, contra a retração do contingente em faixas etárias a partir dos 30 anos. Quanto ao gênero, as mulheres representam a maioria dos novos vínculos formais de emprego, com 55%. Em relação à escolaridade, há maior representação de pessoas com Ensino Médio completo ou incompleto: tanto indivíduos menos es-

colarizados quanto detentores de diploma de Ensino Superior tiveram participação inferior, nas vagas adicionais, à que apresentam no total de empregados.

Para fins de planejamento, o Rio Grande do Sul é dividido em nove Regiões Funcionais (RF). Todas apresentaram variações positivas de estoques de emprego formal entre janeiro de 2024 e janeiro de 2025. A menor variação foi verificada na RF4 (Litoral), com 1,1% de expansão. Conforme explica do estudo, do DEE, a RF4 possui, também, a menor população entre as regiões, e os vínculos formais não chegam a 70 mil.